

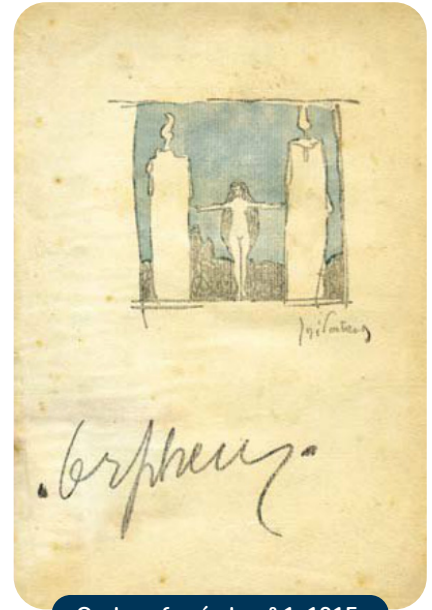


MODERNISMO EM PORTUGAL

MODERNISMO PORTUGUÊS

O Modernismo em Portugal começa em 1915, com o surgimento da revista Orpheu, fundada pelos escritores Ronald de Carvalho e Luís de Montalvor, com colaborações de Almada Negreiros, Mário de Sá-Carneiro e Fernando Pessoa. A revista foi influenciada pelas vanguardas europeias, posicionando-se contra o tradicionalismo na literatura.

Portugal havia deixado de ser uma monarquia em 1910, e o regime parlamentar iniciado observava lutas de poder entre os grupos, além de lutas paralelas dos anarquistas e comunistas que articulavam greves pedindo por melhores condições de trabalho. Portugal participou da Primeira Guerra Mundial ao lado da Inglaterra e da França. Boa parte desta participação foi causada pelo desejo de Portugal manter suas colônias na África, mas o custo foi caro: com milhares de mortes, desabastecimento e desemprego causados pela guerra, Portugal viveu anos de instabilidade até o golpe militar que, mais tarde, deu origem à ditadura do Estado Novo.



Orpheu, fascículo n.º 1, 1915.

Foram publicados apenas dois números da revista Orpheu. O primeiro mostrou maior tendência ao Simbolismo, enquanto o segundo foi mais influenciado pelo Expressionismo, pois foi idealizado por Pessoa e Mário de Sá-Carneiro. O terceiro número nunca se concretizou devido ao suicídio de Mário de Sá-Carneiro, um dos dois maiores nomes do Modernismo português.

MÁRIO DE SÁ-CARNEIRO

A vida de Mário de Sá-Carneiro durou apenas 26 anos, e a angústia é tema constante de sua obra, que apresenta também muita ironia e até sarcasmo com o próprio poeta. Outros temas na obra do autor são o narcisismo e o sentimento de abandono, uma vez que ele perdeu a mãe aos dois anos de idade. Além de poemas, Mário de Sá-Carneiro escreveu novelas, um livro de memórias, um romance e diversas cartas para o amigo Fernando Pessoa, que mais tarde foram compiladas e publicadas.



Mário de Sá-Carneiro



Observe a angústia traduzida em palavras neste trecho:

Dispersão

Perdi-me dentro de mim
Porque eu era labirinto,
E hoje, quando me sinto,
É com saudades de mim.

Passei pela minha vida
Um astro doido a sonhar.
Na ânsia de ultrapassar,
Nem dei pela minha vida...

Para mim é sempre ontem,
Não tenho amanhã nem hoje:
O tempo que aos outros foge
Cai sobre mim feito ontem.

[...]

FERNANDO PESSOA

Criado na África do Sul e submetido a uma educação inglesa, Fernando Pessoa toma contato, primeiramente, com escritores ingleses como Lord Byron, William Shakespeare, Charles Dickens e Percy Shelley. É só depois de voltar para sua terra natal que vai conhecer os autores portugueses, se encantando por António Vieira e Cesário Verde. Em vida, Fernando Pessoa publicou apenas um livro, Mensagem, de 1934.

Sua obra ortométrica, ou seja, assinada com o próprio nome, é introspectiva, equilibrada, pessimista e pouco sentimental. Mantendo um tom filosófico, Pessoa usa muita metalinguagem e discute questões existenciais e de identidade. Formalmente, usa diversos tipos de métricas e rimas, indo desde as formas tradicionais (em trovas com redondilhas) até as modernas (versos livres), passando pela estrutura clássica dos sonetos com versos decassílabos. Sua linguagem é igualmente eclética. Em carta, Pessoa assim se definiu: “Sou, de facto, um nacionalista místico, um sebastianista racional. Mas sou, à parte isso, e até em contradição com isso, muitas outras coisas.”



Fernando Pessoa



Este é um dos poemas mais conhecidos assinados por Pessoa:

Autopsicografia

O poeta é um fingidor.
Finge tão completamente
Que chega a fingir que é dor
A dor que deveras sente.

E os que lêem o que escreve,
Na dor lida sentem bem,
Não as duas que ele teve,
Mas só a que eles não têm.

E assim nas calhas de roda
Gira, a entreter a razão,
Esse comboio de corda
Que se chama coração.

Ao longo da carreira, Fernando Pessoa criou diversos heterônimos. Um pseudônimo é um nome usado por um autor para assinar suas próprias obras, já um heterônimo é uma personalidade completamente distinta do seu criador. Os heterônimos de Pessoa tinham biografias, estilos literários e até mapas astrais próprios. São verdadeiras máscaras literárias que lhe permitiram criar com liberdade e variedade, e ainda ser fiel às particularidades de estilo de cada heterônimo. Estima-se que Fernando Pessoa criou mais de 60 heterônimos - que inclusive se conheciam e até criticavam uns aos outros - mas três deles se destacam:

ALBERTO CAEIRO, O MESTRE DE TODOS

Os mais de 30 poemas do livro O Guardador de Rebanhos foram escritos numa só noite, em oito de março de 1914, quando Pessoa criou Alberto Caeiro. Segundo Pessoa, Caeiro viveu no campo e estudou pouco, o que justifica o bucolismo de seus escritos e a linguagem mais simples. Descrito como de porte médio, pálido e com olhos azuis, além de sábio e calmo, Caeiro escreve em versos livres, assimétricos e não divididos em estrofes.

Tematicamente, Caeiro trata do significado observável das coisas e da relação do homem com a natureza. Sua poesia tem fundo sensorial, pois o poeta considera que sentir é mais importante do que pensar, e que as verdades são percebidas pelos sentidos, e não descobertas após reflexão. Caeiro, dos três principais heterônimos, é o único com data de morte: segundo Fernando Pessoa, Alberto Caeiro faleceu em 1915, vítima de tuberculose.



Leia a seguir um de seus poemas mais famosos:

Sou um guardador de rebanhos.
O rebanho é os meus pensamentos
E os meus pensamentos são todos sensações.
Penso com os olhos e com os ouvidos
E com as mãos e os pés
E com o nariz e a boca.
Pensar numa flor é vê-la e cheirá-la
E comer um fruto é saber-lhe o sentido.

Por isso quando num dia de calor
Me sinto triste de gozá-lo tanto,
E me deito ao comprido na erva,
E fecho os olhos quentes,
Sinto todo o meu corpo deitado na realidade,
Sei da verdade e sou feliz.

RICARDO REIS, O ÁRCADE

Natural do Porto, Ricardo Reis vai viver no Brasil em 1919 devido à sua posição monarquista. Médico de formação, interessado pela cultura clássica e pela mitologia greco-romana, escreve de acordo com padrões neoclássicos, com versos bem metrificados, e em geral trata da vida no campo. Para explorar o tema do “carpe diem”, Reis usa a figura da rosa como símbolo da fugacidade da vida e cultiva uma postura estoica e resignada frente à passagem do tempo. Ele utiliza muitos hipérbatos - inversão da ordem lógica dos termos na oração - e faz diversas referências à mitologia. Sua linguagem é sóbria e formal, como podemos ver abaixo:

Uns, com os olhos postos no passado,
Vêm o que não vêem; outros, fitos
Os mesmos olhos no futuro, vêem
O que não pode ver-se.

Porque tão longe ir pôr o que está perto —
A segurança nossa? Este é o dia,
Esta é a hora, este o momento, isto
É quem somos, e é tudo.

Perene flui a interminável hora
Que nos confessa nulos. No mesmo hausto
Em que vivemos, morreremos. *Colhe
O dia, porque és ele.*



ÁLVARO DE CAMPOS, O MODERNO

O engenheiro Álvaro de Campos é um homem prático, atualmente desempregado e alcoólatra. Descrito por Pessoa como alto, magro e usando monóculo, é um poeta urbano, por vezes revoltado e furioso. Extremamente crítico, apresenta em seus poemas características das vanguardas como o Expressionismo e o Futurismo, presentes, respectivamente, em momentos de exagero e de exaltação da modernidade.

Assim como Pessoa, Álvaro de Campos escreve em vários estilos, do tradicional ao clássico, embora prefira o estilo moderno, com versos livres e inclusive escrevendo prosa poética. Sua linguagem é informal, por vezes irreverente. Entre os principais temas de sua poesia estão as viagens - tanto reais quanto o desejo de viajar para dentro de si, fazendo uma busca interior -, saudosismo e autodestruição - na primeira fase do heterônimo, quando é influenciado pelo Simbolismo -, a modernidade - na segunda fase - e a crítica ao falso moralismo - na terceira fase, mais cheia de angústia e pessimismo, como podemos ler a seguir:

Ah a frescura na face de não cumprir um dever!
Faltar é positivamente estar no campo!
Que refúgio o não se poder ter confiança em nós!
Respiro melhor agora que passaram as horas dos encontros.
Faltei a todos, com uma deliberação do desleixo,
Fiquei esperando a vontade de ir para lá, que eu sabia que não vinha.
Sou livre, contra a sociedade organizada e vestida.
Estou nu, e mergulho na água da minha imaginação.
É tarde para eu estar em qualquer dos dois pontos onde estaria à mesma hora,
Deliberadamente à mesma hora...
Está bem, ficarei aqui sonhando versos e sorrindo em itálico.
É tão engraçada esta parte assistente da vida!
Até não consigo acender o cigarro seguinte... Se é um gesto,
Fique com os outros, que me esperam, no desencontro que é a vida.

Foi assim que Fernando Pessoa definiu seus três mais famosos heterônimos: “pus no Caeiro todo o meu poder de despersonalização dramática, pus em Ricardo Reis toda a minha disciplina mental, vestida da música que lhe é própria, pus em Álvaro de Campos toda a emoção que não dou nem a mim nem à vida.”

ANOTAÇÕES
